

## As Origens do Boxe

O boxe tem uma coisa em comum com a vida em sociedade: é anterior ao Homem. Sem grande esforço de imaginação, pode-se supor que nas comunidades pré-humanas (dada a falta de qualquer ferramenta) o punho nu desempenharia o papel de arma mais eficaz para resolver os antagonismos dos nossos longínquos antepassados.



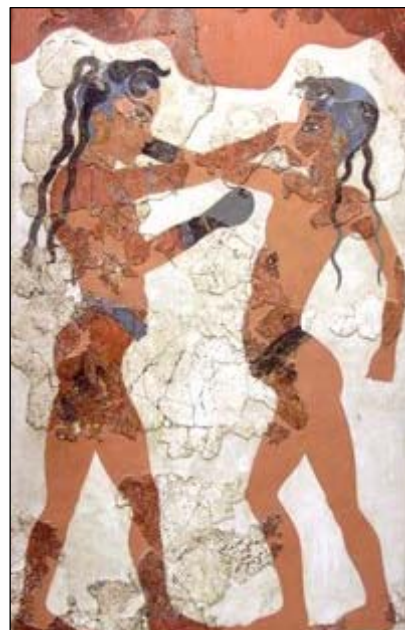
Estamos, porém, muito longe do boxe tal como o conhecemos neste séc. XXI, tratando-se apenas de vagas origens que não têm outro interesse senão o de sublinhar o facto de que o combate com os punhos nus é absolutamente natural nos homens.

O boxe, como desporto, fez a sua entrada oficial na literatura, graças a Homero que, na Odisseia, relata o naufrágio de Ulisses, cuja jangada foi lançada sobre as costas da terra dos Feócios. Então, o rei Alkinoos organizou festas em honra do herói. O filho do rei Laodamas ganhou o torneio de boxe que se organizou. Propôs a Ulisses defrontá-lo, dizendo: “É a tua vez, estrangeiro! Vem mostrar as tuas forças nos jogos em que te treinaste! Deves sabê-lo, muito bem! Há lá maior glória nesta vida do que saber utilizar as pernas e os braços? Anda... vem experimentar e afasta os desgostos!...”. Ulisses, o sábio, respondeu-lhe assim: “Mas porquê, Laodamas, essas brincadeiras de convite? Se o meu coração se abandona aos desgostos mais do que se entrega aos jogos, é porque muito penei e sofri! Imitaram-me muito: boxe, corridas a pé, lançamento do disco. Não recuso nada, nem recusarei combater contra um amigo? Seria preciso ser maluco ou possuir um coração de miserável para provocar nos jogos aquele que acolheu um país estrangeiro. Tal facto é o mesmo que amputar-se!”.

Pelo que atrás fica dito, o boxe parece ter sido já bem desenvolvido na Grécia, séc. VIII AC. Numa sociedade em que a força e a coragem físicas ganhavam os favores dos deuses, compreende-se que os jovens nobres a ele se dedicassem (Laodamas era filho de um rei), e isto explicará o respeito quase religioso que rodeava os pugilistas. Este aspecto manter-se-ia até cerca de 100 anos mais tarde, quando os adversários já não eram, necessariamente, aristocratas e o boxe se tornou numa modalidade olímpica. Naquela época, os pugilistas combatiam inteiramente nus, só as mãos estavam envoltas no “cesto”, uma espécie de dura luva de tiras de cabedal, ornadas por bolas de chumbo ou de ferro. Isto assim acontecia, pois o boxe é um desporto ofensivo, de ataque. No entanto, devemos notar que o combate, como o sugerem as passagens da Odisseia atrás

citadas, se disputava segundo regras cavalheirescas e que não se deveria combater boxe contra um amigo ou contra quem os recebia. O “cesto” apresenta-se como uma arma terrivelmente destruidora e, neste aspecto, opõe-se essencialmente à luva actual, cujo objectivo é proteger, simultaneamente, o corpo do pugilista que recebe o golpe e a mão daquele que o executa. Nestas condições, pode supor-se que aquele que atingia primeiro o adversário o estropiava definitivamente. Levando em conta os hábitos impiedosos da época, concebe-se bem a ideia porque o boxe era especialmente apreciado em Esparta.

Mas decorrendo do facto das inúmeras narrativas relatando proezas de pugilistas demonstra que o boxe era uma actividade muito cultivada em toda a Grécia. Por isso mesmo a vamos encontrar, muito naturalmente, na antiga Roma, sob a forma de um jogo de circo. Apesar dos perigos a que submete os seus praticantes, o boxe não provoca, sistematicamente, a morte e, por isso foi, pouco a pouco, declinando, face às exhibições bem mais sangrentas que as lutas de gladiadores davam ao público romano. Com a queda do Império Romano, perdeu-se o trajecto do boxe, mas tudo leva a crer que ele continuou a ser praticado, visto que a sua rotina foi assinalada no fim do séc. IX, no Sul de Inglaterra. No séc. XIV,



também em Inglaterra, os pugilistas combatiam a punhos nus, o que fazia com que tal tipo de luta se assemelhasse mais ao antigo pancrácio do que ao boxe, com as mãos envoltas nas correias do “cesto” antigo. Em todo o período que vai desde o declínio do Império Romano até ao princípio do séc. XVIII DC, a história do boxe escreve-se em linhas intermitentes, pois poucos documentos a ela se referem. Com o passar de todos estes séculos, a técnica parece não ter evoluído nada e os combates punham, frente a frente, homens sem jogo de pernas, sem jogo defensivo, preocupados somente em bater com a maior força possível. Sob este aspecto, o boxe praticado nessa época em Inglaterra era o herdeiro directo do boxe grego.

A primeira vedeta de que se tem conhecimento foi um tal James Figg, cujas características correspondiam exactamente às necessidades: homem forte, corajoso e brutal. Ele combatia no ano de 1719 e nada o distinguia dos seus antecessores, nem dos seus rivais, mas o seu nome conseguiu chegar até nós. Foi o primeiro campeão inglês dos pesos pesados e foi também o primeiro a anunciar publicamente o ensino do boxe e sua técnica. A iniciativa de Figg, além de popularizar as sessões de sparring, promoveu também a abertura de novos locais destinados à prática deste desporto. James Figg, que passou a ser conhecido como o “pai do boxe”, retirou-se da prática da modalidade em 1730. Um de seus discípulos, Jack Broughton, destacou-se e viria a ser o primeiro a fazer

mexer o boxe. O seu sucesso (a partir de 1732 e durante 18 anos, voa de vitória em vitória) vem do facto de ter introduzido na prática do boxe vários elementos novos. Nessa época, os combates eram organizados às escondidas, com as autoridades a perseguir os pugilistas, por provocarem ajuntamentos e desordens. Efectuavam-se ao ar livre, num prado, de harmonia com a tradição ou então nos salões das traseiras de algumas casas. Davam motivo a apostas e decorriam de harmonia com as regras estabelecidas pelos organizadores, ou seja, sem qualquer carácter fixo. Tirando todas as vantagens das dimensões sempre variáveis do recinto, no interior do qual nasceram os campeões, Broughton foi o primeiro pugilista a utilizar as deslocações das pernas para se defender dos ataques do adversário. Esta novidade foi um facto digno de registo. Ele introduziu o espaço na técnica.



Em consequência, a força bruta deixou de ser o suficiente, pois, passou a ser necessário ter também fôlego, para triunfar, tanto mais que os combates, grande parte das vezes, eram até ao fim, salvo a intervenção da polícia ou uma súbita tempestade. Desta iniciativa de Broughton, nasceu posteriormente o jogo de pernas como elemento básico do boxe contemporâneo. Os organizadores tiveram também de se debruçar mais seriamente sobre as dimensões do recinto. Foram obrigados a traçar um círculo sobre o solo, ou a implantarem nele umas estacas ligadas por uma corda. A limitação das áreas de combate não

datam da época de Broughton mas, devido ao seu estilo, foi ele que destacou os inconvenientes resultantes da falta de regras estritas sobre o assunto. Os "boxeurs" eram desclassificados se ultrapassassem esses limites para escaparem aos golpes do adversário. A observação de Broughton visou também os golpes lançados pelos pugilistas: até à sua época, estes eram desferidos em "volée", ficando o corpo rígido, como acontece nas lutas entre rapazes, nos recreios das escolas. Ele verificou que os golpes se tornavam muito mais eficazes sendo acompanhados por uma rotação das espáduas, pois o punho beneficiava do peso do busto.

A nobreza interessou-se por estas descobertas, por causa das apostas, e Broughton fundou uma academia de boxe, onde ensinava os seus métodos. Aqui aconteceu o nascimento da técnica do pugilismo. Broughton está também na origem das "London Prize Ring Rules", o primeiro regulamento oficial do boxe inglês. As inovações técnicas de Jack Broughton não deram frutos imediatos e os campeões das gerações seguintes assemelhavam-se, estranhamente, aos precedentes. De qualquer forma, Broughton estava muito adiantado para a sua época e, se a via por ele aberta não foi seguida de imediato, foi porque as suas descobertas, mesmo tão importantes como parecem, ficaram na prática pouco publicitadas, com o recuar do tempo.

As "London Prize Ring Rules" não eram muito severas e o puro poder físico dos pugilistas continuou a ser o factor essencial da vitória. O último facto relativo às origens do boxe é a sua emigração de Inglaterra para os Estados Unidos da América. No quadro deste novo país, o boxe ganha um grande impulso e a civilização de salão vai a par com um desenvolvimento rápido dos combates de boxe. Desta maneira, os dois países, Inglaterra e os E.U. da América, vão manter escolas de boxe que progridem paralelamente.

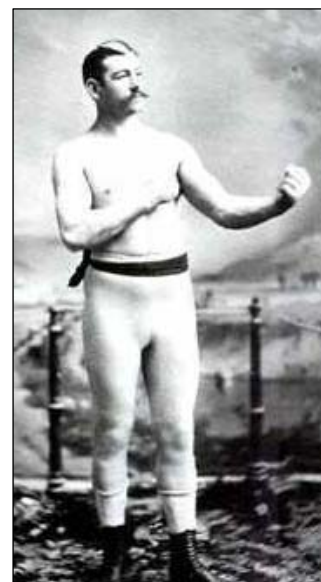
Assim, surgem inevitavelmente, duas consequências:

1) A necessidade de unificar, definitivamente, as regras que regulam os combates. Esta necessidade explica a acção do Marquês de Queensbury e de Lord Lonsdale, que são os fundadores das regras actualmente em vigor;

2) A organização de combates internacionais e, muito especialmente, de campeonatos mundiais.

Até aquela época, a história dos pesos pesados é a história do boxe em geral.

Depois, desenvolveu-se uma verdadeira mística em relação a esta categoria, a mais importante do boxe desde o seu aparecimento. Parte desse fascínio é derivado do facto das lutas entre pesos pesados poderem ser decididas com apenas um golpe, mesmo que tenha havido, até então, grande desvantagem por parte do pugilista que vence. Outro motivo pode advir da disparidade entre os lutadores que, apesar de apresentarem diferenças expressivas de peso, altura e estilo, ainda assim podem competir entre eles. Mas a razão principal está no facto de os pesos pesados serem literalmente os mais fortes participantes desta nobre arte. A cada luta, a categoria máxima do boxe reedita um enorme conteúdo simbólico: se o campeão dos pesos pesados detém subjectivamente o título de "Homem mais forte e poderoso do planeta", ele também pode, teoricamente, derrotar qualquer um. Assim, quando um campeão de pesos pesados foge do estereótipo estabelecido como ideal para ele, o de vencedor, cria uma situação atípica, na qual o fraco e dominado pugilista passa a dispor de poder imediato. Tudo se inverte. De repente, os pugilistas dominantes acanham-se e os pugilistas mais fracos surgem, poderosos e aptos para triunfar. Diante do entusiasmo suscitado por este desporto nos E.U. da América, foi organizado no Estado do Mississippi um combate para o título de "Campeão dos Campeões", no dia 17 de Fevereiro de 1882. Combateram John Sullivan, de Boston, contra Paddy Ryan, de Nova Iorque. Sullivan demorou 9 assaltos para se desfazer de Ryan. Desde então, os americanos passaram a considerá-lo como o campeão do mundo. Este título foi, naturalmente, contestado na Europa, por Charley Mitchell, um inglês, que levava tudo à sua frente.



## **John L. Sullivan**

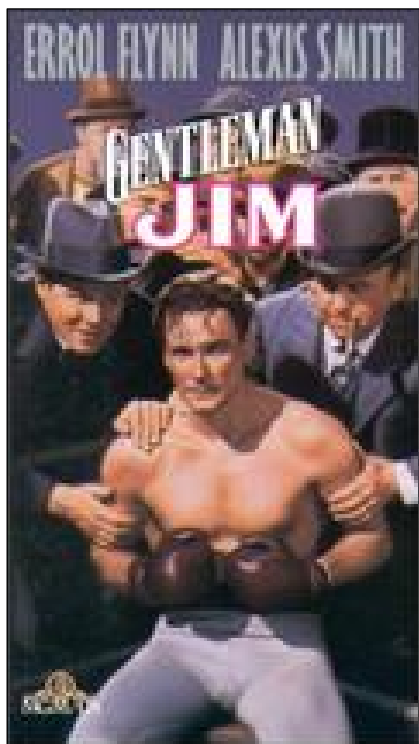
Bem dentro das tradições dos pugilistas da era dos punhos nus, Sullivan devia a sua reputação ao seu “swing”, golpe giratório semelhante àquele que se aplica com uma moça. Esta arma permitiu-lhe triunfar contra muitos adversários, por “KO”. Após a sua vitória sobre Ryan, reinou incontestado nos E.U. da América.

Em breve foi desafiado para enfrentar Mitchell, um puro produto da escola britânica. Este foi um dos últimos grandes combates a punhos nus. Graças à sua vitória em 3 assaltos, Sullivan vê ser-lhe atribuído o título oficial de primeiro “Campeão Mundial”. Este título concretiza a superioridade de maneira um pouco selvagem como os pugilistas norte-americanos combatiam sobre os europeus, bastante mais científicos. Era bem a prova de que num boxe mal codificado, a força leva a melhor sobre a técnica. A desforra foi organizada em terreno neutro, em França, e acabou num combate nulo, pois a chuva obrigou a suspender o combate. No dia 8 de Julho de 1889, Sullivan pôs o seu título em jogo, frente a um outro rei da luta a punhos, Jack Kilrain. O combate resumiu-se a uma desordem de rua, ganha pelo detentor do título, ao fim de 75 assaltos (3h39m). O desafiante, um pupilo de Charley Mitchell, jazia no solo num estado lastimoso. O resultado deste combate, pela emoção que suscitou, não foi decerto estranho para a entrada em vigor, de imediato, das novas regras preconizadas pelo Marquês de Queensbury. De facto, o combate Sullivan/Kilrain despertou muito mais atenção por se tratar do segundo e último campeonato mundial de boxe, disputado a punhos nus. Os louros da vitória são concedidos ao mais forte e não, necessariamente, ao melhor. Com a aplicação das regras da “Nobre Arte”, a tendência inverte-se. Sullivan, intrinsecamente o mais robusto pugilista do momento, viria a pagar as despesas da mudança.

## **James Jim Corbett**

Oito anos mais novo do que John Sullivan, Corbett veio encontrar o mundo do boxe em condições bastante diferentes. Não começou a sua vida como operário fabril, mas sim como empregado bancário. É, essencialmente, um produto de uma grande cidade. No seu caso, foi em São Francisco que teve o seu início. Foi admitido nos clubes frequentados pela aristocracia. A sua figura e a sua simpatia natural favoreciam-no. Comparando a sua fisionomia com as rugosas faces dos seus adversários, simbolizava o academismo e a educação. Como não possuía grande poder de golpe (em 23 grandes combates apenas conseguiu ganhar 14 por KO), foi escolhido como candidato para enfrentar John Sullivan, para a disputa do primeiro campeonato mundial de pesos pesados, disputado com luvas de 4 onças. O combate foi organizado em Setembro de 1892, na cidade de Nova Orleães, no Estado do Mississippi. Para o público, não havia

qualquer possibilidade de engano, pois os participantes no combate definiam duas personalidades absolutamente distintas. De um lado, o “mau” John Sullivan, o poder físico, a força de golpe, a raiva; do outro lado o “bom” James Jim Corbett, com estilo, físico, juventude. Porém, por trás deste maniqueísmo de fachada, é preciso descortinar o embate de uma era que acabava, e da qual John Sullivan foi o mais fiel representante, e de nova era que se iniciava, a do boxe acadêmico.



No quadro do sul dos E.U. da América, nos finais do séc. XIX, este combate ganhou uma ênfase ainda maior. Em todo o caso, o dia 7 de Setembro foi um dia muito especial para o boxe. Dez anos depois de ter sido considerado o Campeão dos Campeões, Sullivan foi, por sua vez, derrotado por KO ao 21º assalto. Abriu-se, então, uma magnífica carreira internacional ao novo campeão do mundo, que andou de sucesso em sucesso. Participou em tournées de exibição e combateu, quando se dignava a fazê-lo, com a multidão sempre a acarinhá-lo, porque se diferenciava claramente dos Sharkey, McVey, Peter Jackson e Slavin, outras das primeiras figuras da categoria. Além disso, era detentor do título mais invejado, o de pesos pesados.

Com efeito, se os regulamentos tivessem instituído diferentes categorias a fim dos pugilistas se baterem com homens do mesmo peso, não haveria a menor dúvida de que para o espírito do grande público, o verdadeiro campeão é o detentor do título máximo, a coroa de todas as categorias. A adulação que rodeou Jim Corbett, tanto que passaram a designá-lo, sempre, pela alcunha de “Gentleman Jim”, fez com que a valia dos campeões das categorias inferiores fosse um pouco diminuída. E, no entanto, alguns destes atletas, como o peso pluma George Dixon, que reinou de 1890 a 1900, na sua categoria, era de grande valor. Por ordem cronológica, Dixon é o primeiro da grande linhagem de campeões negros. Todavia, apesar do seu grande talento, a sua popularidade nunca foi comparável à de Jim Corbett.

A evolução que a seguir se produziu, no sentido de uma maior velocidade de execução e de uma maior mobilidade, vai obrigar Corbett a abandonar o título mundial. O peso médio Bob Fitzimmons pôs fim ao reinado de Corbett, em 1897. Assim, desapareceu do primeiro plano, depois de ter sido distinguido como um campeão fora do vulgar. Raoul Walsh, ao fazer o seu célebre filme “Gentleman Jim”, prestou-lhe uma merecida homenagem.

## **Bob Fitzsimmons**

Poderia aqui ser apresentada a questão de quais são, no boxe, as morfologias e o gabarito ideais. Para responder a Corbett, 1,82m e 84kg, Fitzsimmons opunha o seu físico tão característico. Ele tornou-se, em primeiro, conhecido como peso médio, categoria em que foi campeão do mundo desde 1891. E nesse peso, o seu tronco musculoso, as suas pernas magras e ossudas, a sua extraordinária envergadura (2m) para a sua altura, deram-lhe grande superioridade. O desmesurado comprimento dos seus braços, permitia-lhe desferir um uppercut, ficando o braço a formar um "U" perfeito. Quando desafiou James Jim Corbett, a sua diferença de peso de 8kg era compensada por uma envergadura superior, ao serviço de uma maior habilidade. Era, portanto, na relação peso/mobilidade, que se poderia perceber a superioridade do "challenger".

A diferença de poder de golpe entre os dois pugilistas não era suficientemente grande para travar a agilidade de Fitzsimmons. Neste tipo de combates, as possibilidades do mais leve residem, geralmente, no seu desenvolvimento rápido, antes que o cansaço venha angilosar os membros. Logo que este se começa a fazer sentir, o factor "poder físico" torna-se predominante. Ao 14º assalto, Fitzsimmons estoqueia Corbett e o título passa dos E.U. da América para a Inglaterra. De certa maneira, era a desforra da escola inglesa sobre a americana. Portanto, poderá concluir-se que as dimensões ideais são as do pugilista britânico? A pergunta continua sem resposta porque, neste campo, é na relação entre todas as características dos combatentes que se situa a chave da vitória e não em qualquer uma delas, em absoluto. Se os argumentos do inglês foram operantes face a um Corbett, mesmo assim, são-no relativamente. Nessa época, alguns técnicos acreditaram que o elemento peso podia passar para segundo plano e, esta crença era alicerçada pela sucessão Sullivan, Corbett e Fitzsimmons, sempre favorável ao mais leve.

No entanto, o século não iria acabar sem todos estes elementos serem colocados nos seus devidos lugares. Dois anos após a vitória sobre Corbett, Fitzsimmons viu ser designado como "challenger" ao seu título, James J. Jeffries.

## **James J. Jeffries**

Este americano, de modesta técnica pugilística, conheceu uma ascensão rápida. Combateu pela primeira vez em 1896, com 21 anos. Apesar da sua falta de ciência, possuía um poder de golpe extraordinário, ao qual se apoiava nos seus 100kg. Bastaram-lhe três anos, durante os quais permaneceu invicto, para chegar a Bob Fitzsimmons. O combate foi organizado em 1899. Se os 75kg do campeão do mundo tinham constituído uma desvantagem recuperável frente a James Jim Corbett, desta vez, os 25kg, um terço do seu próprio peso, separavam-no do jovem Jeffries. Além disso, um outro factor jogava

a seu desfavor, a sua idade. Pode resumir-se o combate, muito facilmente, pelos dados: Fitzimmons, 75kg e 37 anos de idade; Jeffries, 100kg e 24 anos de idade.

A vitória de Jeffries, alcançada por KO ao 11º assalto, por muito lógica que tenha sido, não poderia agradar aos puristas mais inclinados a considerarem melhores as qualidades próprias do pugilista do que os dados anatómicos. Por isso mesmo, grande número de amantes do pugilismo preferem ver combates de pesos leves ou de pesos meios-médios, devido à atracção que a sua maior vivacidade proporciona.

Jeffries situa-se, no entanto, na linha dos pesos pesados de grande porte, tal a impressão de poderio físico que deixou atrás de si.

O apogeu da sua carreira foi em 1900, quando aceitou combater com Jim Corbett, que tentava aqui um retorno à actividade, e que ganhou ao 23º assalto. Desta vez, não podia ser acusado de ter vencido um adversário feito de encomenda. Desta vez, venceu um autêntico peso pesado.

Jeffries abandonou os ringues em 1904, invicto. Infelizmente, não escaparia à lei absoluta que determina que a plenitude dos meios tem, no boxe, um período de duração muito limitado e manchou a sua brilhante carreira com uma derrota inútil, ao tentar regressar aos ringues em 1910. Com Jeffries retirado em plena glória, os seus sucessores Marvin Hart e depois Tommy Burns, por muito hábeis e brilhantes que tenham sido, não trouxeram a este desporto qualquer originalidade para poderem ressaltar na sua história. Em boa verdade, o combate Jeffries/Fitzimmons, absolutamente impossível de se dar segundo as normas modernas, constitui, pela sua atmosfera e pelo seu contexto, o ponto cimeiro desta época heróica. A saída de Jeffries foi acompanhada por um certo vazio. Os admiráveis “pequenotes” que foram Erne, Gans, Atell, que anunciaram o fim de uma epopeia. Esta terminou com a Belle Époque.

Um último foguete de estrelas foi lançado por esse magnífico atleta que foi Jack Johnson. Ele marcou o fim do período.

## **Jack Johnson**

O boxe concebido como meio de promoção social está na origem de algumas carreiras fulgurantes, embora falando estatisticamente, ela seja mais obstáculo do que ajuda. Quando o pugilista se forma num meio desesperado e consegue, pela força dos seus punhos, içar-se ao altar da glória, acontece que muitas vezes o seu comportamento não se adapta, muito bem, à nova esfera onde evolui.

Jack Johnson é um claro exemplo disso. Nascido no Texas em 1878, Johnson era um pobre negro que trabalhava nos campos de algodão. E quando, em 1897, subiu pela primeira vez a um ringue, em nada se distinguia da multidão de negros que tentavam escapar a uma vida sem esperança. Tendo ganho fama na sua cidade natal, Galvestone, sabe servir-se dos anos de aprendizagem de lutas e, nos anos seguintes, obteve 10 vitórias. Em 1902 trava conhecimento com a Costa do Pacífico e combate em Los Angeles



e São Francisco, e isto é já um grande passo para o jovem pesado. Em 1903 combate em Denver, depois Boston e Filadélfia. O êxito obtido, como que o embebedou. Com um forte sentimento racista, tende a reservar a coroa dos pesos pesados para uma cabeça de branco. E ele tem de defrontar repetidas vezes os melhores pugilistas negros da época, pois os organizadores faziam-nos lutar uns contra os outros, reservando os combates para o título mundial para os brancos. Para exemplo, citamos que um dos melhores pesados americanos, Joe Jeanette, no espaço de 19 meses, defrontou Jack Johnson por 8 vezes. Mais tarde, em Janeiro de 1908, é organizado um 9º combate. O campeão titular, Tommy Burns, evita cuidadosamente os 4 ou 5 melhores pugilistas do mundo. No entanto, a pressão negra torna-se tão forte que os organizadores, mesmo contra vontade, decidem-se a fazer o combate entre Burns e Johnson. Este, aureolado por um palmarés de 31 vitórias por KO desde o começo da sua carreira, faz de mau e rapa a cabeça para impressionar os seus adversários, tanto pelas invectivas que lhes dirige como pela sua alta e bem proporcionada estatura. A distância entre o trabalhador agrícola e a vedeta é grande. As suas excentricidades são imensas e a sua menosprezante pretensão será sem limites, depois de vencer Tommy Burns no combate para o título mundial, em Dezembro de 1908.



Em plena posse dos seus meios, Johnson domina o boxe pelo seu estilo cheio de raça. No plano técnico, combinava um jogo defensivo bem trabalhado com uma consumada ciência no corpo-a-corpo. Nisso, diferia bastante dos seus grandes predecessores, que tinham estabelecido a sua reputação praticamente sobre uma única especialidade. Fala-se no soco de Sullivan, da velocidade de Fitzsimmons, do poder de Jeffries, etc. A sua grande singularidade era a de ser um pugilista completo. Esta especialidade coloca Johnson no pique do boxe moderno. Mas, a coisa mais contrastante neste homem parece ser a sua oposição entre o seu pugilismo inteligente e o caso social. A um boxe bem calculado e sem falhas, opõe um comportamento provocante, dentro do ringue e na vida social. Atrai o ódio dos seus contemporâneos brancos. Este parece ter sido, ao mesmo tempo, a causa e a consequência da atitude de Johnson. Seja qual fosse a motivação, elas eram inseparáveis e o seu destino desenrolou-se muito naturalmente. Primeiro, procurou-se febrilmente como aniquilar este vaidoso, e, assim compreendido o seu caso, não deixa de ter uma certa analogia com o de Cassius Clay; segundo, as suas extravagâncias e a vida dissipada alteraram a qualidade do seu boxe; terceiro, Johnson agarrou-se, desesperadamente, ao seu esplendor do passado, quando a hora do declínio chegou.

No que respeita ao 1º ponto, procurou pôr-se à frente fosse de quem fosse, desde que branco e com uma mínima possibilidade de o bater. Em consequência da clara e nítida superioridade dos pugilistas negros sobre os brancos, houve necessidade de recorrer ao velho James J. Jeffries, que não combatia há 6 anos. O combate efectuou-se no Reno, em 1910, e em breve se verificou que Jeffries teria feito muito melhor em não sair da sua retirada. Apesar disso, o ex-campeão do mundo durou 15 assaltos. Foi uma tremenda decepção para todos os que esperavam ver Johnson metido na ordem. Tiveram de esperar mais 5 anos, durante os quais Johnson queimou as suas energias à “tripa forra”, entre outros sítios, na alegre Paris, para poderem assistir à sua derrocada. Um campeão de mínima reputação mas branco, Jess Willard, pôs Jack Johnson KO ao 26º assalto de um combate disputado em Havana, em 1915. Johnson tinha na altura 37 anos. No entanto, apesar da derrota, recusou-se a entrar na linha. Não se decidiu a abandonar o boxe que tinha feito dele uma estrela e continuou a sua carreira até aos 50 anos. A época heróica findou com esta figura pitoresca, fruto de um contexto social especial.

## **Os Grandes Clássicos**

A Grande Guerra de 1914-18 marcou um tempo de paragem no boxe mundial. Os grandes combates tomaram-se raros. As poucas vedetas escapadas à guerra, não tinham adversário. Jess Willard põe o seu título em jogo, uma única vez, entre 1915 e 1919. Battling Levinsky reina entre os pesos meios-pesados e Ted Kid L entre os pesos meios médios.

Depois de acabado o grande conflito, o boxe ganhou um incremento sem precedentes. Após aqueles anos sombrios, foram muitos os que pensaram em conquistar um lugar ao sol. Uma multidão de homens sente-se libertada. Muitas vezes, é nos campos militares que aprendem lições dadas pelos grandes do passado. Muitos pugilistas de valor, do antes da guerra, converteram-se em treinadores e managers e fizeram os recém-chegados beneficiar da sua experiência. Para subir ao topo não bastava ter uma direita poderosa, eram mais de cem os que a possuíam, todos queriam ganhar. Disto resultou a elevação do nível do boxe praticado. As elites aparecem com menos facilidade e durante menos tempo. O vedetismo supõe, então, uma disciplina de vida mais rigorosa, porque se no passado o campeão podia apontar 10 pretendentes, a partir de 1918 eles eram mais de 100. Com a ajuda do fenómeno da guerra, o boxe passou a interessar um muito maior número de pessoas e classificou-se como um dos grandes desportos universais. Os grandes clássicos não terão senão o mérito de se terem sabido superiorizar à massa. Ser-lhes-á preciso, além de uma panóplia completa de técnica, uma centelha de génio.

Cronologicamente, o americano Jack Dempsey e o francês Georges Carpentier, são os primeiros grandes de entre os primeiros grandes clássicos.

## Jack Dempsey



Jack Dempsey é sem contestação, o mais conhecido de todos os pugilistas do passado. O seu reinado estendeu-se desde Julho de 1919, data em que derrotou por KO, ao 3º assalto, Jess Willard, até ao fim de Setembro de 1926, ou sejam, sete anos e meio. O seu poder de golpe era impressionante (em 60 vitórias, ganhou 49 por KO), a sua técnica segura e a sua notável capacidade de encaixe, pois em 81 combates sofreu uma única derrota por KO, mas tudo isto não é o bastante para explicar a sua imensa popularidade. Esta deve ser procurada no contacto que ele sabia encontrar com o público, que se juntava cada vez mais nas sessões de boxe, saído da sua matriz aristocrática. Procurava descobrir o herói no qual se reflectissem os desejos do público. Sobre o ringue, Dempsey encarnava exactamente esse tipo de herói. Beneficiando de um carácter firme, demonstrava autoridade frente aos seus adversários e dirigia os seus combates com determinação. Ao mesmo tempo, não poupava esforços, o que o tornava espectacular. A sua actividade foi intensa, 23 combates em 1921 e 72 combates e exibições em 1931, porque ele esteve sempre decidido a consagrar-se ao boxe. Ardor, brio, eficácia, eis as qualidades apreciadas pelo espectador.

A personalidade de Dempsey ajustava-se perfeitamente ao mito do herói. Ora, o combate de boxe de natureza viril, teatral no seu desenvolvimento, é propício à revelação de uma ligação íntima entre o pugilista e o público. Visto por este ângulo, parece que a atracção de Jack Dempsey é mais psicológica do que técnica. Sob este ponto de vista, o estilo de Dempsey não atinge os pináculos, mas com o decorrer dos anos melhorou progressivamente, conforme o seu palmarés o confirma. A maioria das suas 7 derrotas é anterior à conquista do título mundial. Por outro lado, a sorte de Dempsey, ao longo da sua extensa carreira, deve-se ao facto do seu caminho se ter cruzado com o de adversários de grande categoria. Este facto foi, evidentemente, muito razoável para a expansão das suas reais capacidades. A partir de 1917, Billy Minsk, Georges Carpentier, Luís Firpo, Gene Tunney, Jack Sharkey, cruzaram-se com ele. Poucos pugilistas tiveram ou terão tido, depois dele, a possibilidade de terem à sua disposição adversários de tão alto gabarito e de tão diversos estilos. Pondo de parte as suas qualidades naturais, excepcionais, a explosão de Dempsey parece ligada ao contexto pugilístico dos anos 20.

Nascido em 1895 no cobrado, Jack Dempsey iniciou a sua carreira em 1914. Foi sem grande dificuldade que, aos 26 anos de idade, se tornou campeão do mundo, batendo o gigante Jess Wjllard (Julho de 1919). Nessa época, em consequência do conflito internacional, o mundo do boxe funcionava ainda em circuito fechado. A maior parte dos adversários eram de nacionalidade americana. Pouco a pouco, as relações desportivas intercontinentais foram restabelecidas por completo. Na Europa e na América Latina afirmaram-se novos talentos. Assim, Carpentier em França e Firpo na Argentina, forçaram Jack Dempsey a ter de medir forças com estes pugilistas estrangeiros, a fim de confirmar o seu título de campeão. Em 1921 combateu com Georges Carpentier, que acabava de conquistar o título mundial de pesos meios-pesados. Ao interesse imediato suscitado pela organização de uma das primeiras reuniões pacíficas do pós-guerra, juntou-se a paixão ocasionada pelo choque entre o poderoso americano e o elegante francês. Enquanto em França se pensava que o combate era muito aberto e que a agilidade felina de Carpentier poderia levar a melhor sobre Dempsey, nos E.U. da América a opinião era totalmente diferente e a cotação muito favorável ao campeão. O combate foi combinado para 12 assaltos e a ele assistiram 80 mil pessoas, o que, sem constituir um recorde, demonstra bem o entusiasmo que a luta provocou.

Depois do challenger ter feito estremecer o campeão, no 2º assalto, o titular acabou rapidamente e Carpentier foi posto KO ao quarto assalto. Dois anos mais tarde, foi a vez do argentino Luís Firpo ser posto KO, em dois assaltos, perante 82 mil espectadores. Em 2 combates, Dempsey acabou por afirmar a sua supremacia sobre os pugilistas europeus e sul-americanos, representados pelos seus melhores pugilistas, Carpentier e Firpo. Assim reinou, sem contestação, até 1926, limitando-se a exibições e combates fáceis, mas atraindo sempre muitos espectadores para os ringues. Em Setembro de 1926 teve de enfrentar um pugilista cuja capacidade estava a subir, Gene Tunney, e perdeu o seu título em 10 assaltos. Em Setembro de 1927, a sua derrota do ano anterior, foi confirmada por uma nova decisão, aos pontos, em 10 assaltos, favorável a Tunney.

Acabou, assim, o grande reinado de Jack Dempsey, quando tinha 31 anos de idade. Teve corno maior consolo, o ter reunido 102 mil e 104 mil espectadores, nestes dois últimos grandes combates. Foi um campeão de inigualável popularidade, que abandonou a arena desportiva. Como se previa, os promotores tiraram os maiores proveitos graças a urna exploração sistemática, na área comercial, o que faz com que de certa forma, se possa dizer que Jack Dempsey está na origem daquilo a que se dá e nome de "boxing business", ou seja, o negócio do boxe.

## **Georges Carpentier**

Até aqui, foi possível traçar a história do pugilismo, através da sucessão de campeões de pesos pesados. A razão é que, apesar dos campeões de pesos plumas como

Dixo, Attel, Kilbane, dos pesos leves como Gans, dos pesos meios-médios como Ted Kid Lewis, do peso médio Ketchelt e dos pesos meios-pesados como Burns e Levinsky, o essencial da progressão técnica era-lhes atribuível.

Por outro lado, o público, à procura da superioridade absoluta, mostrava muito maior interesse pelos homens fortes do que pelo virtuosismo dos movimentos. Portanto, há um registo de arte pugilística inacessível aos homens pesados. A educação do público, a sua cultura pugilística consecutiva ao boom depois de 1914-18 vão conduzir a uma especificação de estilos, segundo as diferentes categorias de pesos e haverá um público tanto para as lutas titânicas entre pesos pesados, como para os assaltos de grande beleza estética das categorias mais leves. Todas as partes participantes ganham uma nova evolução, neste sentido. Em primeiro lugar, o público tem a livre escolha de vários tipos de combate; em segundo, os pugilistas podem ter uma carreira frutuosa, mesmo que não pertençam à categoria de pesos pesados; e, em terceiro lugar, os organizadores têm a possibilidade de elaborar muito maior número de combates. A diferenciação das técnicas em relação aos pesos dos pugilistas, fará com que dentro em breve se fale do poder de soco de um pesado, do jogo de pernas de um médio, ou da velocidade de execução de um pluma.



Este novo carácter nota-se de tal forma, que certas nações irão ao ponto de se especializarem na produção de vedetas, segundo a morfologia dominante do país. Estão neste caso os grandes pesos médios franceses Thil, Cerdan, Villemain, Dauthuille, os pesos galos mexicanos Manoel Ortiz, Becerra, Castillo, os pesos moscas asiáticos

Shirai, Ebihara Kingpetch, Chionoi e os pesos pesados norte-americanos (18 campeões do mundo).

Nesta perspectiva, Carpentier assinala-se como um precursor. A sua maneira de combater apresentava muitas originalidades e ele utilizava ao máximo os recursos do seu peso, 79kg. O seu sucesso foi devido, em grande parte, à sua bizarra morfologia. Em qualquer das hipóteses, não há dúvida que fez escola, mas o seu estilo não era adaptável a um físico normal de peso médio. A sua inteligência, no ringue levava-o a combater em dois campos. Por um lado, os seus recursos e o poder de golpe são ligeiramente inferiores aos de um peso pesado e por outro, as suas faculdades de movimentação são muitíssimo superiores.

## O Boxe em Portugal

Não há ciência certa de como este desporto apareceu em Portugal. Todavia, há prova documental de que num domingo, 4 de Julho de 1909, se efectuou um combate de boxe entre um inglês de nome Drumond e o negro norte-americano, Sam MacVea, o Baby Tar from Boston (bebé alcatrão). Dada a curiosidade, o recinto encheu-se de um publico atento, que vibrou com as peripécias da luta, que Sam MacVea ganhou por margem confortável.

Depois disso a modalidade começou a ganhar estruturas com a actividade de amadores nos clubes Ginásio Clube Português, Clube Arte e Sport, Sport Cruz Quebradense ou Clube Português de Recreio e Desporto, o popular "Choras". É claro que daí veio a nascer a competição. No entanto, o primeiro combate de boxe entre portugueses realizou-se no Ginásio do Arte e Sport, que era no 3º andar do Palacete onde está hoje a Caixa Geral de Depósitos, no Calhariz, em Lisboa. Foram intervenientes Humberto Caldas, do Ginásio Clube Português, e Nascimento Lis, um cantor de ópera, que estivera alguns anos em Itália e lá aprendera a jogar boxe. A movimentação pugilística aumentou e, em Março de 1914, foi fundada a Federação Portuguesa de Boxe, por influência do inglês Guilherme Shirley. O 1º Presidente da Federação foi o levantador Manuel da Silveira, do Ginásio Clube Português, que tomara parte bastante activa nas reuniões. A saída de Guilherme Shirley para os EU da América, devido á Grande Guerra, fez decair o entusiasmo, mas como é habitual, surgiram alguns apaixonados que não deixaram o boxe acabar. A Grande Guerra contribuiu para essa menor actividade, mas na década de 20, ela ressurgiu para ter o seu período brilhante. Primeiro, aparece Silva

Ruivo, que foi campeão Nacional até 1925, e que depois foi tudo no boxe: treinador, árbitro, dirigente, etc. Por esta altura merecem especial relevo os Torneios organizados pelo Jornal O Século. Nomes como os irmãos Barceló, Godofredo Campos, Aragão de Andrade, Abel da Cunha e Luís Xavier foram bons praticantes nesta época.



Em profissionais, os nomes mais sonantes foram os de José Santa Camarão, O Gigante de Ovar, e Isidro de Pinto de Sã, que emigrou para os EU da América e foi o único português a lutar pela Título Mundial de pesos galos. Fê-lo em Junho de 1926, frente ao italiano Fidel Labarda. Na década de 30 surgiram os nomes de Horácio Velha, António Rodrigues, Aníbal Prior e Rosa Rodrigues. Na década de 40, houve um boom na actividade com a chegada dos moçambicanos Luís Eugénio "Xangai", Carlos Wilson, Beny Levi e Fernando Matos, que juntamente com Valente Rocha, Alfredo Oliveira, Eduardo Alves e tantos outros, fizeram bons combates no Parque Mayer. A Actividade no plano

amador também era muita intensa e o Clube Desportivo Lisgás notabilizou-se com a conquista de vários campeonatos, sendo a equipa formada por Armando Costa, Romeu Correia, Manuel Martins, Patrício Álvares e Carlos Alberto. Na década de 50 houve ainda uma continuidade com o aparecimento de Belarmino Fragoso, Chico Santos, Fernando Sota, Júlio Martins, Jaime Santos e Tiago Costa.

Sendo muito difícil a actividade nesta altura como amador, houve no entanto a grande acção de Pierre Charles e de Gil Fernandes, que com grande perseverança ainda permitiram o aparecimento de valores como Portugal Nunes, António Martinheira, Fernando Tavares, António Augusto e Manuel Antunes. De todos os pugilistas portugueses, apenas um conseguiu o apuramento para os Jogos Olímpicos, o atleta do Sporting C.P. João Miguel (Paquito).

Houve a uma tentativa de reanimar o pugilismo profissional, com tantos valores, mas o projecto faliu por falta de meios financeiros.

